

**ANTES TABU, AGORA HOLOFOTE: UMA RESENHA CRÍTICA DE
*SOLITÁRIA***

*BEFORE, IT WAS TABOO, NOW, THEY ARE ON THE SPOTLIGHT: A
CRITICAL REVIEW OF LONELY*

CRUZ, E. A. *Solitária*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2022.

Jorge Luiz Menezes ADAS¹

RESUMO: Nesta resenha crítica, veremos como o trabalho de Eliana em seu mais recente romance cria uma crítica sobre assuntos que, em um momento na história foram considerados tabus, mas estão voltando a ser pauta nos principais debates.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão moderna; racismo; crítica.

ABSTRACT: In this critical review, we are going to see how Eliana's most recent novel creates a critique about themes that, in a certain moment in history were considered taboos, but are coming back to the main debate spotlights.

KEYWORDS: Modern slavery; racism; critique.

Solitária é um livro brasileiro de ficção escrito por Eliana Alves Cruz e publicado em 2022 pela Editora Companhia das Letras.

Eliana nasceu na cidade do Rio de Janeiro e se formou em comunicação social pelo Centro Universitário da Cidade do Rio de Janeiro. Além de escritora, também trabalha como Chefe do Departamento de Imprensa da Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos.

Solitária não é seu único livro, também escreveu outros três romances: *Água de Barrela* (2016), livro com o qual ganhou o prêmio Oliveira Silveira de 2015; *O Crime do Cais do Valongo* (2018), livro semifinalista do prêmio Oceanos em 2019; e *Nada Digo de Ti, Quem em Ti não Veja* (2020), ganhador do prêmio

¹ Graduando do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, IBILCE, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: jlm.adas@unesp.br.

da União Brasileira dos Escritores em 2022. Afora os romances, a autora foi vencedora do prêmio Jabuti em 2022 na categoria Contos com a antologia *A Vestida* (2022).

Em apenas 168 páginas, Eliana traz uma crítica à escravidão moderna de uma forma precisa, mostrando também a diferença entre gerações e classes sociais, o amadurecimento forçado de crianças e como a irresponsabilidade pode gerar consequências desastrosas.

A estrutura do livro é simples: são três partes narradas em primeira pessoa por personagens diferentes. Em cada uma delas, a narrativa é dividida em capítulos nomeados conforme o local/objeto que será destaque nele. Por exemplo: há um capítulo intitulado “Piscina”, no qual tem como ambiente principal a parte exterior do apartamento, onde está localizada a piscina. Em outro, intitulado “Espelho de Cristal”, o objeto exerce um maior destaque, mostrando que algo de ruim aconteceu por conta de seu estado.

Mabel é a narradora da primeira parte. Em seu início, vemos ela já adulta, em uma cena que se repete mais adiante na história. Esse recurso, comumente utilizado no cinema com o nome de *flashforward*, é empregado precisamente ao longo de toda a obra.

Nos capítulos que seguem, vemos a trajetória da narradora no Edifício Golden Plate, um prédio residencial de luxo onde mora o casal que emprega a mãe de Mabel, dona Eunice. Já no começo, é possível observar um dos assuntos: o amadurecimento forçado. Em uma festa, o sobrinho da dona da casa se afoga, e a culpa recai na babá da criança, uma menina de 13 anos chamada Irene.

Ela sabia que as crianças como eu — como ela foi e, antes dela, a sua mãe, e a mãe de sua mãe até a minha décima avó — não entendiam muito bem o que era isso de ser criança. A gente sempre foi miniatura de adulto. Irene era mais uma na lista.

Esse amadurecimento forçado se dá por conta da personagem vir do interior para uma cidade grande com o objetivo de trabalhar e ganhar dinheiro que seria útil para a família; portanto, não tendo uma vivência natural de uma

criança em sua idade: brincar, estudar, interagir com outros sem responsabilidades extremas.

Mais adiante, nos é mostrado a diferença de classes sociais com duas passagens marcantes: “Seu Tiago podia não ser milagreiro, mas quem tem dinheiro faz os ‘milagres’ acontecerem” (Cruz, 2022, p. 33) e “[...] e o fato de que Bruninho estava indo para casa naquele momento em vez de para o cemitério já era uma prova de que o impossível tem suas condições para acontecer. E as razões são quase sempre econômicas” (Cruz, 2022, p. 33).

A inocência infantil também é mencionada, num contexto que mostra que as crianças, como padrão, são livres de preconceitos raciais e econômicos, juntamente com o desejo de proteção da filha pelo pai, o engano das aparências, exploração de trabalho infantil e, acima de tudo, o amadurecimento de Mabel.

Na segunda parte, a narração muda de personagem, mas não para alguém desconhecido, já que quem irá nos contar a história é dona Eunice.

Começando na mesma cena que iniciou o capítulo de Mabel, mas agora sob a perspectiva da mãe, nesta parte teremos o início do trabalho de dona Eunice no apartamento de luxo. Nesse início, ela passa por uma “prova” de honestidade: uma carteira cheia de dinheiro fora “esquecida” no sofá, e um dilema traz novamente a diferença entre as classes, destacada em mais uma das diversas brilhantes frases por toda a obra:

Abri e contei o dinheiro... Para elas podia não ser grande coisa, mas para mim era muito. Aquela quantia resolvia as infiltrações na cozinha e comprava roupas novas para Mabel, que estava crescendo e perdendo tudo... garantia também uns remédios da minha mãe... E alguém ali tinha aquilo tudo no bolso!

Dona Eunice vai, ao longo da narração, não só expondo seu passado, mas também descobrindo o seu presente. Quem é ela? A qual classe social pertence? Quem são as pessoas para as quais trabalha? Qual sua relação com a filha?

Além disso, é impossível deixar de citar como o racismo impacta na obra. Todos esses aspectos mencionados anteriormente são extremamente agravados por uma única condição: a cor da pele das personagens. Em certo momento, um personagem é descrito da seguinte forma: “João Pedro pensava ter o mesmo

direito de transgredir, a mesma ‘vista grossa’ de todo mundo para o que fazia, como acontecia com os garotos do edifício” (Cruz, 2022, p. 51), mostrando que ele ainda não tinha conhecimento da diferença de tratamento sofrida entre brancos ricos e pretos pobres.

As personagens são descritas de maneira incrível; desde os mais estereotipados, como Mingau, um coronel aposentado que, mesmo não tendo mais poder, se acha maior do que é, tentando se mostrar superior a tudo e todos e, com um toque crítico da autora, mostra-se racista.

Outra personagem que brilha é Dadá. A princípio não sabemos muito sobre ela, mas quando nos é revelado algo sobre ela, começamos a entender seu lado e sentimos pena.

Certamente as personagens que mais se sobressaem são Mabel e Dona Eunice. Apesar de serem ligadas por um traço maternal, elas são produtos de sua geração. Dona Eunice sabe que é uma mulher negra e marginalizada; logo, prefere evitar conflitos para, apesar de receber pouco, manter uma certa dignidade. Mabel, por outro lado, entende os problemas da sociedade e luta para tentar sair do ciclo que suas gerações tanto permaneceram: “Ela sabia que as crianças como eu — como ela foi e, antes dela, a sua mãe, e a mãe de sua mãe até a minha décima avó — não entendiam muito bem o que era isso de ser criança.” (Cruz, 2022, p. 26).

As personagens secundárias também brilham. Seu Tiago, dona Lucia e Camila são um retrato da elite brasileira que se acha superior a tudo e a todos. Seu Jurandir é o personagem mais doce de toda a trama, seu carisma nos anima. Seus filhos se opõem entre si, enquanto Cacau é um garoto certinho e nerd, João não tem papas na língua, fala o que vier na mente para qualquer pessoa, chegando até a protagonizar uma cena hilária com Mingau.

A terceira parte é bem diferente. Aqui não temos Mabel, dona Eunice ou qualquer outro personagem narrando a história, mas sim os ambientes. O nome dessa parte mostra um jogo perfeito entre ele e o nome dos capítulos: quarto de empregada, quarto de porteiro, quarto de hospital e quarto de descanso, cada um uma solitária, um local onde as pessoas ficam sozinhas. Os acontecimentos se dão

a partir da visão dos cômodos, e eles mostrarão as consequências da negligência. Em dado momento, uma negligência por prazer; em outro, uma negligência por alienação.

Em uma narrativa considerada curta quando se analisa o número de páginas, mas também longa quando entram em cena as questões políticas e sociais, Eliana traz de volta para os holofotes temas que foram, por muito tempo, escanteados dos holofotes midiáticos. Infelizmente, mais e mais vezes lemos e ouvimos notícias de pessoas resgatadas de uma situação análoga à escravidão, o que mostra que esse tema nunca deixou de existir; pelo contrário, que pouco se era falado.

Como citar essa resenha?

ADAS, J. L. M. Antes tabu, agora holofote: uma resenha crítica de *Solitária*. Mosaico, São José do Rio Preto, v. 22, n° 01, p. 328-332, 2023.

Referências:

CRUZ, E. A. *Solitária*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2022.

Eliana Alves Cruz. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literaafro/autoras/1159-eliana-alves-cruz>>. Acesso em: 9 out. 2023.

Grupo Companhia das Letras. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/11447/eliana-alves-cruz>>. Acesso em: 9 out. 2023.

Premiados do Ano. Disponível em: <<https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/premiacao/?ano=2022>>. Acesso em: 9 out. 2023.